

# A IMAGEM QUE CRIANÇAS TÊM DA LÍNGUA INGLESA

Carolina Sousa Nalini - Uni-FACEF

Maria Betânia Arantes Barros - Uni-FACEF

Nathália Cristina Bertoni do Nascimento - Uni-FACEF

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Marina Célia Mendonça - Uni-FACEF

## Introdução

Vivemos em um mundo globalizado onde nossa identidade lingüística está sujeita às influências das línguas estrangeiras. Televisão, rádio internet e outros meios de comunicação aproximam as pessoas e os continentes, fazendo com que nossa identidade lingüística se caracterize por instabilidades.

Desse modo, as crianças hoje em dia têm contato cada vez mais cedo com a língua inglesa, visto ser esta língua a hegemônica neste contexto histórico.

Com o presente artigo, pretendemos contribuir para a análise desse contato das crianças com o inglês como segunda língua (L2) e observar qual a relação dessas com a nova língua que lhes é apresentada.

A pesquisa bibliográfica baseou-se em estudos desenvolvidos pela lingüística sobre estrangeirismos e valores da língua inglesa. As pesquisas fundamentaram-se na área da sociolingüística e da lingüística aplicada ao ensino de L2.

Realizamos entrevistas semi-estruturadas com alunos da quarta série do Ensino Fundamental de uma escola regular particular de uma cidade no interior de São Paulo, utilizando a técnica do gravador. Triviños afirma que:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes. Dessa maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo

investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

## 1 Estrangeirismos

O estrangeirismo, também chamado de empréstimo, é o uso de palavras e expressões estrangeiras junto a uma determinada língua nacional.

No português falado no Brasil, palavras tão triviais como “cupim”, “caipira” e “camundongo” não têm origem latina ou lusitana, mas sim indígena e africana. Termos como “alface”, “álcool” e “alqueire” já foram considerados estrangeirismos e hoje fazem parte do português do Brasil.

Alguns elementos estrangeiros que surgem do contato lingüístico têm vida curta, como gírias, por exemplo. Outros são incorporados naturalmente à língua como aconteceu com “esporte” e “clube”. Já houve tentativa de se trocar o empréstimo “football” pela palavra ludopédio (do “legítimo” latim, ludos = jogo; pés, pedis = pé). Tentativa essa totalmente fracassada, o que revela que o movimento purista que se coloca contra os estrangeirismos nem sempre é bem sucedido.

Os estrangeirismos são uma forma de enriquecer o vocabulário. Muitas palavras de origem anglicana são utilizadas para nomear coisas novas, que não possuem nomes em português, como o “mouse” do computador e o “outdoor”. Mas nem sempre a palavra estrangeira é vista como bons olhos e a discussão sobre estrangeirismo pode ir em direção de controlar a língua. Existem iniciativas políticas como o projeto de Lei Federal 1676/1999, do deputado Aldo Rebelo (PCdoB/SP), e o projeto de Lei Estadual 65/2000, da Deputada Jussara Cony (PCdoB/RS), que tratam os estrangeirismos como ameaças à unidade e à soberania nacional. Tais projetos agradam aos xenófobos e aos autoritários em geral, pois estes cometem o equívoco de pensar que a língua padrão, ditada pelas gramáticas normativas, é como uma estátua, que não admite variações, nem se altera no tempo. Eles se esquecem de que não existe uma língua pura, isenta de influência estrangeira. As línguas humanas estão em constante movimento, tal como a cultura e sociedade de que elas fazem parte. Faraco diz que “Há, no projeto [de Aldo Rebelo], um indisfarçável desejo de controle social da pior espécie, daquele que, ignorando

a heterogeneidade e a dinâmica da vida cultural, quer impor o homogêneo e o único (FARACO, 2002, p. 45)". Sempre houve empréstimos e sempre haverá. Quantas palavras já desapareceram e quantas novas ainda irão fazer parte da língua de nossa comunidade?

Isso dependerá da necessidade de nomear novas realidades, como, por exemplo, no campo tecnológico, onde o Brasil ainda não é evoluído o bastante e precisa importar tecnologias que já vêm com nomes que acabam sendo adotados pelos falantes de maneira natural, como "i-pod", "software" e "home theater".

Vale lembrar que, no século XIX e começo do século XX, no Brasil, o intercâmbio de vocábulos acontecia através dos galicismos (uso de termos de origem francesa) e vários termos foram emprestados ao português nessa época. Alguns desapareceram, como o "rouge" que as mulheres utilizavam para se maquiar, e outros que são utilizados até hoje como o "garçom" e o "toalete".

## **2 Valores da língua inglesa na sociedade**

Diferentes grupos de uma comunidade atribuem diferentes valores ao estrangeirismo. A discussão atual contra os estrangeirismos no Brasil se concentra no uso de palavras do inglês: os anglicismos. Alguns falantes da língua portuguesa atribuem à língua inglesa características positivas; outros, porém, atribuem-lhe características negativas.

Alguns brasileiros, segundo Garcez e Zilles (2000), podem associar à língua inglesa valores como dinamismo progressista e avanço tecnológico entre outros valores positivos; por outro lado alguns falantes podem associá-la a valores negativos como conservadorismo retrógrado, grosseria e poder nocivo. Esses valores relacionam-se com a aceitação ou rejeição da imposição cultural feita pelos EUA. Há algumas décadas, o acesso à língua inglesa era limitado às classes sociais mais elevadas. Hoje, o contato com o inglês dá-se cada vez mais cedo, seja através de filmes, músicas, serviços ou produtos importados. Algumas escolas particulares chegam até mesmo a oferecer o ensino de língua inglesa na Educação Infantil.

Hoje em dia, aprender inglês se tornou um negócio lucrativo. As escolas de inglês vendem a idéia de que aquele que souber inglês “ganha o mundo”, uma idéia bastante difundida na sociedade contemporânea:

A língua inglesa é um grande negócio no Brasil, assim como nos demais países da América Latina e, pensando bem, no resto do mundo. O inglês, pode-se dizer, não é só uma língua; é uma mercadoria em torno da qual está sendo construído um poderoso fetichismo, que os demiurgos do mundo do *marketing* rapidamente passaram a explorar. A demanda pelo aprendizado do inglês cresceu em proporções geométricas, como fica evidenciado pelo estupendo número de escolas de idiomas que proliferam por todo o país, quase tão rapidamente quanto as filiais do McDonald's. O conhecimento da língua é simplesmente pressuposto por corporações multinacionais quando anunciam vagas de trabalho. E o público em geral resignou-se há bastante tempo ao fato de que o inglês oferece um passaporte para o sucesso profissional (RAJAGOPALAN, 2004, p.12).

O simples fato é que, com raríssimas exceções, sempre se pensou que só pode haver um único motivo para alguém querer aprender uma língua estrangeira: o acesso a um mundo melhor. As pessoas se dedicam à tarefa de aprender línguas estrangeiras porque querem subir na vida. A língua estrangeira sempre representou prestígio (RAJAGOPALAN, 2003, p.65).

### **3 A imagem que crianças de classe média têm do inglês**

Os nossos sujeitos de pesquisa foram treze crianças entre nove e dez anos de idade de uma escola particular do interior do estado de São Paulo – são alunos, em sua maioria, de classe média. É importante ressaltar que, mesmo que estejam no primeiro ano em que estudam inglês na escola, elas passaram por um processo social no qual, desde muito cedo, mantêm contato com a língua inglesa, pois têm pessoas na família que falam inglês, assistem filmes americanos e algumas já viajaram ao exterior. Elaboramos um

questionário<sup>2</sup> e, para facilitar sua aplicação, essas crianças foram divididas em três grupos.

Assim, para essas crianças, o inglês não é uma novidade. Elas têm noção de que essa língua é universal, pois pensam que fora do Brasil todos falam inglês e que ao aprenderem essa língua elas conseguirão se comunicar em qualquer lugar do mundo. Ao analisarmos as entrevistas (ver **Anexo A**), verificamos que as crianças percebem a importância da língua inglesa no mundo globalizado em que vivemos.

Para crianças entrevistadas de aproximadamente dez anos, a língua inglesa é útil para ver filmes e fazer viagens ao exterior, como é possível perceber nas seguintes falas: Entrevistado E do Grupo 2: *“Eu via meus pais vendo filme em inglês aí eu achava que eles eram meio malucos ficava falando uma língua estranha... aí eu ficava rindo só que aí depois agora eu tô entendendo que isso faz bem pros nossos estudos pra aprender outra língua.”*; Entrevistado D do Grupo 1: *“Eu acho importante porque você vai em outro país que fala inglês e sabe se comunicar.”*

Outros alunos citaram a importância do inglês na vida profissional. Relacionaram o inglês com profissões incomuns – Entrevistado A Grupo 2: *“(...) vamos supor que alguém aqui quer ser aeromoça, aí a gente vai ter que falar inglês com o cara lá que tá no avião”* – com profissões tradicionalmente prestigiadas em nossa sociedade – Entrevistado A Grupo 1: *“Quando eu crescer eu vou querer ser médico e às vezes pode vim um paciente inglês... eu tenho que falar inglês né (...)”* e com profissões diretamente ligadas ao inglês - Entrevistado C do Grupo 3: *“Pra mim vai ser bom porque eu quero ser professora de inglês”*.

Percebe-se que, devido às práticas sociais às quais foram expostas desde muito pequenas, as crianças tratam o inglês de maneira muito natural, de forma que se acostumaram com essa segunda língua em seu cotidiano. Também atribuem a ela valores positivos, como língua de cultura de prestígio.

---

<sup>2</sup> O questionário e as respostas das crianças estão em anexo.

## Conclusão

Uma primeira conclusão a que chegamos é que palavras emprestadas de outras línguas enriquecem nosso vocabulário e contribuem para nomear novas realidades. Existem pessoas contrárias ao uso de estrangeirismos na nossa língua (em uma mesma comunidade lingüística, pessoas podem atribuir tanto valores positivos quanto negativos a uma língua estrangeira), porém não é possível evitar que essas novas palavras façam parte do nosso dia-a-dia.

Além disso, de acordo com os dados levantados em nossa pesquisa, verificamos que o ensino de inglês só acrescenta valores positivos a algo que já se constitui nas práticas sociais anteriores ao ensino escolar. Observamos que as crianças participantes da pesquisa já chegam à escola investidas de valores sociais positivos da língua inglesa. Dessa forma, mesmo que, nos cursos de inglês, de forma geral, se venda a idéia de quem sabe inglês terá ótimas oportunidades na vida, esses cursos não trazem uma ideologia totalmente nova para esses alunos.

Ainda gostaríamos de formular a hipótese de que essas crianças, devido às práticas sociais a que foram expostas – considere-se que as crianças pesquisadas tinham acesso a filmes com legendas, a viagens no exterior, a contextos em que se fala o inglês etc. – terão menor dificuldade em lidar com a aprendizagem de L2, visto que acreditam que o conhecimento dessa segunda língua será importante para seu futuro.

Também é preciso destacar que, inicialmente, nosso objetivo era aplicar um questionário a crianças de escolas públicas e particulares. Porém, durante o desenvolvimento da pesquisa, isso não foi possível e acabamos restringindo o universo pesquisado às crianças de uma instituição particular, estabelecendo, assim, o sujeito de classe média como objeto de análise. Mas, se o questionário fosse também aplicado a crianças de escolas públicas, as conclusões a que chegamos poderiam não ser as mesmas, pois certamente essas crianças foram expostas a outras práticas sociais.

## Referências

FARACO, Carlos Alberto. Estrangeirismos: guerras em torno da língua. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. p. 37 - 47

GARCEZ, P. M., ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: empréstimos ou ameaça? In: LOPES DA SILVA, Fábio, MOURA, Heronides M.M. (orgs.) **O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000. p. 39 – 51.

RAJAGOPALAN, K. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão. In: LOPES DA SILVA, Fábio; RAJAGOPALAN, K.(orgs.). **A lingüística que nos faz falhar: investigação crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 11 – 38.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## Anexo A

### Grupo 1

Entrevistador: O que vocês acham do inglês?

Entrevistado A: Eu acho que o inglês é legal porque a gente aprende uma língua nova.

Entrevistado B: Eu acho que o inglês é muito legal por causa que aprende uma língua e... ai e só.

Entrevistado C: Eu também acho que o inglês é legal porque a gente vai tá aprendendo uma coisa que a gente talvez não sabia ainda.

Entrevistado D: Ai legal porque aprende outra língua também.

Entrevistador: Fora legal, vocês acham importante?

Entrevistado A: Eu acho importante porque o inglês é uma língua muito usada hoje em dia.

Entrevistado B: Eu também acho que o inglês é muito importante porque ele é usado em dia.

Entrevistado C: Também acho que o inglês é importante porque... vai ser bom pra gente, no nosso dia-a-dia.

Entrevistado D: Eu acho importante porque você vai em outro país que fala inglês e você sabe se comunicar.

Entrevistador: Antes de começar ter aula aqui na escola, vocês já tinham tido algum contato com o inglês? Se já tiveram, qual contato foi esse?

Entrevistado A: É eu já vi minha tia falar... ela fala muito inglês... minha prima... meu primo.

Entrevistado B: É por causa que toda vez que eu assistia um filme às vezes tava em inglês e também meu pai fala inglês ... aí eu entendia mais ou menos assim.

Entrevistado C: É... eu já tinha ouvido meu irmão falar e em filme também... eu entendia mais ou menos.

Entrevistado D: É que meu pai e minha prima né... eles falavam e eu não entendia.

Entrevistador: Antes de vocês começarem a ter aulas de inglês, o que vocês pensavam da língua inglesa? E hoje? Mudou a opinião de vocês?

Entrevistado A: Antes de ter aula eu pensava que o inglês é uma linguagem usada pelos ingleses... aí depois das aulas eu continuei achando isso.

Entrevistado B: Antes de ter aula eu achava que o inglês era muito complicado... mas agora eu acho que é fácil.

Entrevistado C: Eu também achava que antes de ter aula eu achava que o inglês... que se eu tivesse aula que eu não ia conseguir entender mas agora eu to entendendo.

Entrevistado D: É que antes da aula era muito difícil né... falar... aí agora é mais fácil.

Entrevistador: Quando vocês estiverem grandes, adultos, o inglês vai ajudar em alguma coisa na vida de vocês? O que vocês vão fazer com o inglês mais pra frente?

Entrevistado A: Quando eu crescer eu vou querer ser médico e às vezes pode vim um paciente inglês... eu tenho que falar inglês né... ou senão se quando eu for muito conhecido eu vou pros Estados Unidos e aí eu preciso usar.

Entrevistado B: Se eu for viajar pra algum lugar que fala inglês eu vou entender o que as pessoas falam lá.

Entrevistado C: Porque talvez vai me servir no trabalho e também se eu for viajar.

Entrevistado D: Depende do trabalho... às vezes eu vou usar o inglês pra entender.

## Grupo 2

Entrevistador: A primeira pergunta... O que vocês acham do inglês?

Entrevistado A: Eu acho que inglês é interessante pra gente saber outra língua... uma língua diferente da nossa.

Entrevistado B: Eu também acho inglês interessante porque talvez você vai ter uma excursão em lugares diferentes aí você já sabe a língua pra conversar com estrangeiros.

Entrevistado C: Ah eu também acho bom porque se você for pra outros países você sabe falar a língua.

Entrevistado D: Eu acho legal porque você aprende a falar outra coisa a não ser sua língua... você aprende a falar outra língua.

Entrevistado E: Eu também acho que é interessante porque aí você não fica só no português, você aprende outra língua que ajuda no estudo.

Entrevistador: Vocês usavam a palavrinha interessante, legal e bom. Alguém quer falar alguma coisa sobre achar importante?

Entrevistado A: O inglês é importante pra gente aprender mais coisas e não ficar só no vocabulário.

Entrevistado E: Pra gente aprender outra língua por isso que é importante o inglês porque aí a gente conhece o idioma de outro país... variar nosso vocabulário.

Entrevistador: Antes de ter aula de inglês, vocês já tinham tido algum contato com a língua inglesa? Se já tiveram, qual foi esse contato?

Entrevistado A: Na colônia de férias tinha um menino que ele era dos Estados Unidos e ele veio de passeio aí a gente foi tentar conversar com ele em inglês.

Entrevistado B: Eu também aprendi... Eu achei um menininho pequenininho... eu fui chamar ele pra brincar e ele falava inglês... aí eu era da segunda série e sabia mais ou menos vocabulário e eu tentava conversar um pouquinho com ele pra ver se ele entendia.

Entrevistado C: A minha mãe é professora de inglês e ela me ensina um pouco.

Entrevistado D: Nenhum.

Entrevistado E: A minha tia ela é professora de inglês ela dá aula na Wizard e um dia eu tava de férias e ela me chamou pra ir lá numa aulinha que tinha pouca criança. Eu fui lá eu aprendi a falar um monte de coisa também.

Entrevistador: Agora pensem antes de vocês terem aula aqui, quando vocês não sabiam nada de inglês, o que vocês achavam do inglês? E o que vocês acham agora?

Entrevistado A: Eu achava que inglês era muito difícil falar as palavras eu achava muito complicado. Agora eu acho fácil, é só prestar atenção nos exercícios e falar.

Entrevistado B: Eu também achava que o inglês era difícil eu tinha dificuldade mas agora tô melhor no vocabulário em inglês.

Entrevistado C: Ah eu também achava muito difícil não conseguia falar as palavras direito... falava errado... trocava as palavras... agora eu acho mais fácil... eu vou estudando aí eu vou achando fácil.

Entrevistado D: Eu achava que era muito difícil que eu nunca ia conseguir falar uma coisa em inglês mas agora eu já consigo... já é mais fácil.

Entrevistado E: Eu via meus pais vendo filme em inglês aí eu achava que eles eram meio malucos ficava falando uma língua estranha... aí eu ficava rindo só que aí depois agora eu tô entendendo que isso faz bem pros nossos estudos pra aprender outra língua.

Entrevistador: Última pergunta. Agora pensem assim: Quando vocês forem adultos, o inglês vai ajudar na vida de vocês de alguma maneira?

Entrevistado A: Vai. Porque assim... dependendo da nossa profissão... tipo assim... vamos supor que alguém aqui quer ser aeromoça, aí a gente vai ter que falar inglês com o cara lá que ta no avião... assim se a gente for uma médica aí chega um estrangeiro pra te perguntar porque ta quase morrendo. Aí você vai ter que falar inglês.

Entrevistado B: Quando uma pessoa cresce o inglês ajuda muito né... é como assim... uma linguagem muito importante... você pode ir numa excursão... talvez seu trabalho tem que ir em algum lugar estrangeiro que pra você falar você tem que aprender e assim ajuda muito o inglês.

Entrevistado C: Ah eu também assim... Se você quer ir viajar, visitar algum amigo, parente aí pra você saber falar no seu dia-a-dia, no trabalho pode você ter um amigo que fala inglês.

Entrevistado D: Ah depende da profissão... se for alguma coisa assim vai ajudar, mas se não for não vai fazer diferença.

Entrevistado E: Eu acho que é importante porque assim quando nossos filhos eles estiverem aprendendo a gente ajuda eles pra estudar, pra estimular se ele não estiver entendendo alguma coisa da matéria que ele tá aprendendo a gente ajuda eles a entender.

### Grupo 3

Entrevistador: Primeira pergunta: O que vocês acham do inglês?

Entrevistado A: Legal!

Entrevistado B: Eu acho muito legal porque a gente aprende a falar muitas coisas diferentes.

Entrevistado C: Legal porque a gente aprende língua nova.

Entrevistado D: Legal também.

Entrevistador: Alguém acha importante?

Entrevistado A: Acho porque... porque... ai não sei porque.

Entrevistado B: Ai porque as palavras que a gente sabe em português a gente vai passar pra inglês.

Entrevistado C: É importante porque a gente aprende uma língua diferente que você não conhece aí você aprende.

Entrevistado D: Porque se a gente for pra outro país é... língua estrangeira... aí a gente sabe.

Entrevistador: Agora pensa assim: antes de começarem a ter aulas aqui na escola, o que vocês achavam do inglês? E o que vocês acham agora?

Entrevistado A: A gente não sabia falar inglês direito e agora a gente já sabe falar inglês.

Entrevistado B: É... antes eu achava que era fácil falar inglês e depois a gente vai aprendendo e eu achei legal então é interessante.

Entrevistado C: Eu acho antes eu achava que não podia falar inglês porque era difícil e agora eu acho muito fácil.

Entrevistado D: Eu achava que antes não era importante só que agora eu aprendi a importância do inglês.

Entrevistador: Antes da escola, vocês já tiveram algum contato com o inglês?

Entrevistado A: Eu já vi na dentista dois homens conversando em inglês.

Entrevistado B: É... meu irmão e meu pai.... meu pai sempre ensinava inglês pro meu irmão.

Entrevistado C: Um dia eu tava no supermercado e eu vi um homem falando com o pai dele.

Entrevistado D: Meu pai ele sabe inglês. Um dia meu primo ele joga basquete e ele foi pros Estados Unidos aí o pai dele pediu pra fazer uma coisa lá... Aí ele conversou pelo telefone em inglês com um moço lá dos Estados Unidos.

Entrevistador: Agora a última pergunta: quando vocês crescerem, vocês acham que o inglês vai ajudar em alguma coisa na vida de vocês?

Entrevistado A: Vai ajudar porque... a gente já vai saber bem... Se você quiser estudar nos Estados Unidos aí você já vai saber.

Entrevistado B: Ai não sei... Quando eu crescer eu quero sair do Brasil para falar inglês em outro lugar.

Entrevistado C: Pra mim vai ser bom porque eu quero ser professora de inglês.